Só caciques enriquecem com os arrendamentos

Há um ano, eles se engalfinharam em sangrenta luta nas reservas de Guarita e Irapuá. Morreram cinco índios, mas toda a nação de 2.500 caingangues que habita a região ficou marcada pela batalha que escamoteava, na verdade, uma briga pelo lucro que as terras dão, com seu aluguel ilegal ou com a igualmente irregular exploração das madeiras das matas valiosas. Chegou-se à paz, coordenada pela Funai, no mesmo mês de junho de 1983, quando foi selado um compromisso de que os brancos sairiam das terras indígenas um ano depois.

Passado o ano do prazo, tudo continua igual. Os índios não brigam entre si, mas prometem resistir às intenções da Funai de terminar com os arrendamentos, que, em realidade, beneficiam poucos indígenas fiéis aos caciques das duas reservas, antes dos conflitos unidas em uma só.

Trata-se de um dinheiro fácil: o índio empresta a terra e o agricultor branco que planta paga sem chiar. A planta cresce, incha o bolso do cacique e dos índios que detêm contratos de arrendamento. Que poder vai ter a assinatura do cacique no compromisso de um ano atrás contra essa facilidade toda de embolsar o dinheiro? "Funai não ajuda índio a trabalhar sozinho. Índio passa fome, adoece e morre. Tem que prosseguir arrendamentos", defendem-se os caciques, argumentando que o índio sozinho está condenado à miséria. Povo explorado, empobrecido, com os hábitos e costumes originais perdidos no contato com a civilização, vivendo a reboque de uma cultura emprestada, os 6 mil índios gaúchos estão condenados mesmo à extinção rápida de uma Nação que esmorece sob os efeitos da cachaça, da corrupção e de órgãos oficiais paternalistas.

1 A terra

Por ANDRÉ PEREIRA
Editoria Local/ZH

Vai haver guerra nesta terra.

O mais feroz é o povo do cacique Domingos Ribeiro, comandante das forças desarmadas da Reserva Indígena da Guarita.

É o mesmo cacique que no ano passado comandou um grupo , munido de porrete, facões e alguns revólveres que apareceram e desapareceram num piscar de olhos, para conquistar o poder da reserva em mãos do cacique Ivo Sales Ribeiro.

Domingos mandou a Funai às favas, usou de seu posto de capitão para levantar a ira de seus maltrapilhos guerreiros e conseguiu dividir a reserva ao meio. Ganhou Guarita, sobram os lados de Irapuá o outro cacique, o Ivo.

A Funai, impotente, disse amém.

Que sede de poder movia Domingos? Todos na região ou nos gabinetes da Funai sabiam muito bem: as terras arrendadas que propiciam alguns milhões que o cacique e seu estado maior embolsam sem fazer força, arrendando o chão para os brancos plantarem soja. E a madeira também, que sai escondida das matas ricas, desses 23 mil hectares para as serrarias brancas das vizinhanças. Quem não escuta o ronco abafado das motos-serras soando madrugada adentro, ali nas vizinhanças da reserva?

O cacique e o estado maior, nomeado por hierarquia em moldes em seus postos de major, capitão, sargento, vivem bem. Têm casa boa, automóvel, dinheiro no bolso.

Vivem bem porque dominam os arrendamentos, pagos na base de Cr$ 50 mil, Cr$ 70 mil, e até Cr$ 100 mil por hectares que o branco planta.

Os outros perambulam pelas estradas, bêbados como gambás, cambaleando a má sorte.

Tem índio trabalhando de carpinteiro, pedreiro, ajudante de obras, nas cidades.

Tem índio sem-terra atirado na área perto do aeroporto em Tenente Portela.

Os caciques e as suas autoridades indígenas corrompidas lutam hoje para que os arrendamentos não acabem, que com isso terminaria a mamata do dinheiro fácil no bolso.

O prefeito de Miraguaí, Jorge Porolnich dos Santos, apóia os índios. Incondicionalmente. Se acabarem os arrendamentos os brancos deixam de produzir soja e o administração municipal deixa de arrecadar ICM.

Não, não é só isso, arvora-se o prefeito pedessista, que não vacila em comparar as mordomias da cúpula indígena com as regalias do primeiro escalão do governo brasileiro. "O presidente não anda de cá prá lá, em jatos, viajando pelo mundo, enquanto a nação passa fome?". Mas Jorge desviou do tema central. Quando ele diz que é a favor dos arrendamentos ajunta logo que está defendendo os colonos pobres que trabalham nas terras dos índios. Isto é, os chamados agregados dos arrendatários de médio e grande porte. Aquela arraia miúda que faz o trabalho duro do plantio para o patrão branco que paga o aluguel da terra.

"São três ou quatro famílias por arrendatário" computa o prefeito, que já reuniu 300 arrendatários, dias atras, procurando uma saída para negociar com a Funai. Ele propõe que o arrendamento continue mas que de agora em diante o branco não explore a terra do índio como ele sempre faz, abusando e deixando tudo arrasado, onde quase já nem vinga mais milho, feijão, arroz do sequeiro.

O prefeito acha que os arrendatários deviam usar e adubar, calcariar, fertilizar, construir açudes com peixes. Usar as terras mais dois, três anos. Aí sim, devolver aos índios que teriam tempo de pedir a ajuda da Funai, fazer projetos e tomarem suas mãos a exploração do solo. Deixariam de comprar frutas, onde já se viu, nos supermercados de Miraguaí?

A Funai não anda querendo muito papo com o prefeito. "Eu já recebi até ameaça deles pra me aquietar no meu canto", conta Jorge, desolado. "Respondi que fui eleito pelo povo, que só o povo vai me destituir".

E o prefeito-interventor de Tenente Portela, Lucio Adalberto Mota, que não foi eleito pelo povo mas indicado para governar esta área de segurança? Adalberto sente uma espécie de azia quando houve falar nos caciques de Guarita e Irapuá.

Depois do conflito do ano passado, o interventor gastou sola de sapato caminhando na região à procura da pacificação. Foi a Porto Alegre, compareceu na reunião de Três Passos, onde enfim, com representante da Funai enviado de Brasília, os caciques fumaram um espalhafatoso e improvisado cachimbo da paz. Ali, na prefeitura de Três Passos, há um ano, os caciques assinaram um compromisso de acabar com os arrendamentos em maio de 1984. Em junho, anunciaram sérios e proféticos, branco nenhum mais explora as terras indígenas.

"Cumpriram o documento? Cumpriram coisa nenhuma. Eu não acredito mais em palavra de índio, nunca mais", revolta-se o prefeito Adalberto, defensor intransigente da idéia de que os brancos têm que sair da área para o índio trabalhar sua terra com a assistência técnica e financeira da Funai.

Adalberto não vai na onda do prefeito de Miraguaí, quando Jorge declara que o grande arrendatário sairia das áreas na maior paz do mundo, que o pequeno, o agregado, é que é mais difícil de convencer.

"São os grandes que plantam na área do índio por tradição", entrega Alberto. "O ex-prefeito de Redentora, Arnaldo Rewer, está plantando há 30 anos na reserva". Se fossem só pequenos arrendatários atpe que a Adalberto não seria tão contra o aluguel das terrasÓ índio e o caboclo convivem bem e, afinal, se mataria, dois coelhos com uma só cacetada, se se reunisse o pequeno agricultor com o índio sem terra, ignorado pela ditadura dos caciques.

Mas é o grande que paga o cacique e seu Staf, corrompendo a vida das tribos.

É contra isso que Adalberto diz que luta. "Briga feia vai dar no dia em que os índiossem terra se revoltarem contra a ditadura dos caciques", profetiza ele.

Então haverá outra guerra nesta terra?

Domingos avisou que não cumprirá ordens da Funai de acabar com os arrendamentos. Diz que já existem mais de 100 contratos feitos com os brancos que agora têm que colher a planta. Domingos já avisou que prende o chefe do Posto e não deixa o delegado da Funai entrar nas suas terras.

"Sou metido como agulha em pano velho", gaba-se, ao revelar que vai mesmo a Brasília tratar com caciques maiores deixando o subalterno Gilberto Borges no seu canto. "Funai não cumpriu a promessa de botar projeto na reserva para o índio trabalhar sozinho. O índio tava doente, morrendo.

Fomos ver, era de fome. Aí apelamos de novo para o dinheiro do arrendamento que compra remédio e comida para o índio".

Domingos faz muxoxo para essa verbazinha mixuruca de Cr$ 700 mil que a Funai envia todo mês para reserva. "Cadê tratores, juntas de bois, sementes que eles prometeram? Cade o agrônomo? Tem índio sem terra aqui, sim. Mas não é culpa minha, é dos caciques anteriores, do Sebastião Alfaiate que deu 100 hectares só para o filho dele, Felipe , do próprio Ivo, antes da nossa guerra, que já tinha terminado terra só para alguns".

Domingos morre de rir quando olha a Funai posando de moralista, indo contra os arrendamentos.

As vezes, para se divertir, Domingos vai conversar com o chefe do posto, o branco Jerônimo Braz, para indagar se ele se recorda da época em que organizava os arrendamentos na reserva. "Jerônimo, tu lembra daquele dia que te vi contando o dinheiro do arrendamento para mandar para a direção da Funai, lembra?", pergunta, com um riso derramado nos olhos. Jerônimo enrubesce e muda de assunto.

Ivo, que também é esperto, não utiliza subterfúgios quando que constranger os homens da Funai. Como se não bastasse o chefe do posto de Irapuá, Lidio Della Betta, já ter sido até processado por roubo de madeira, o cacique sempre carrega na carteira um certificado de arrendamento oficializado pela própria Funai, em 1977.

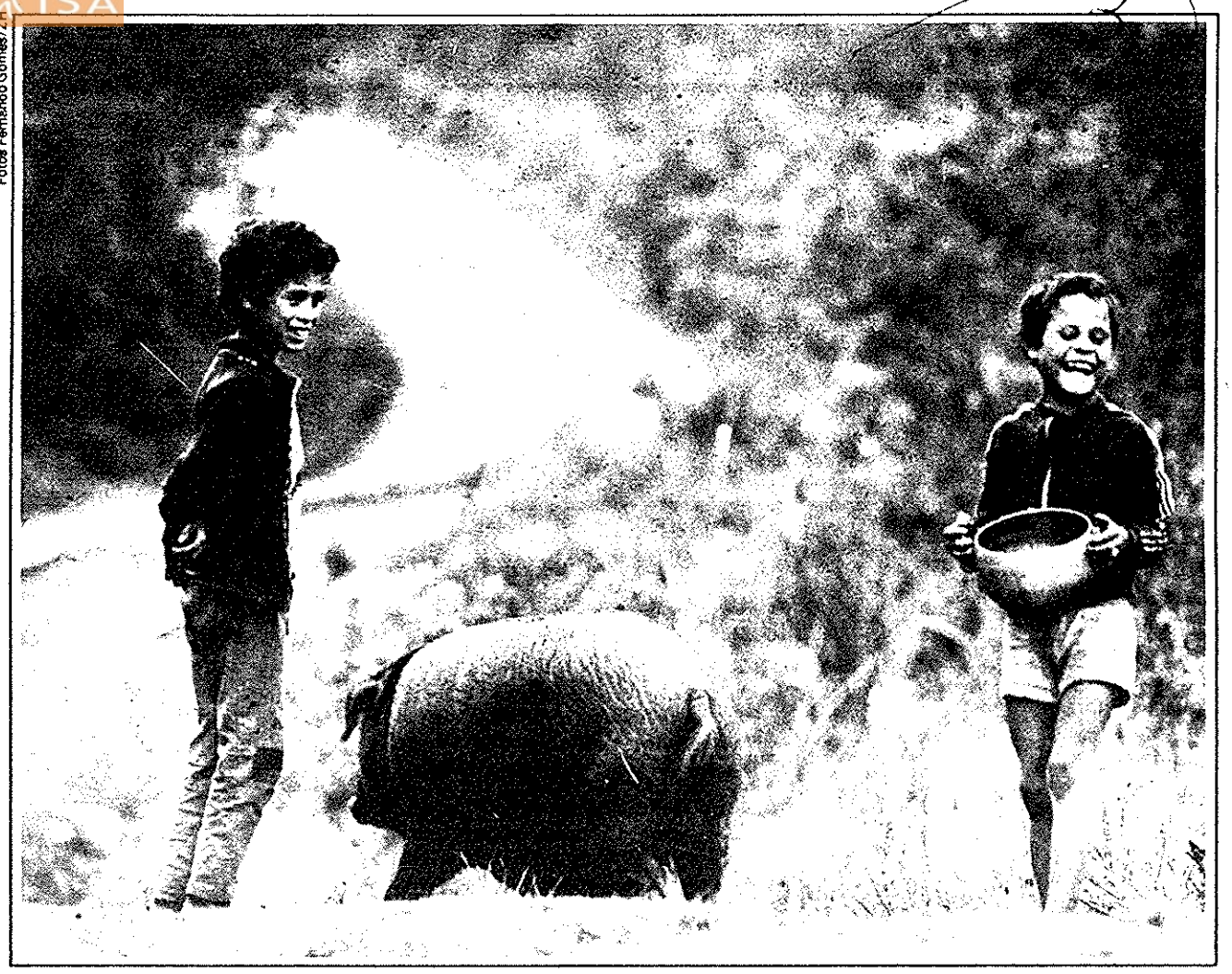
Quando exibe o documento de Cadastro de Arrendamentos e Parceiros, datado de 9 de fevereiro de 1977, em nome do colono Alzido Abegg, o cacique sempre lembra que pelo Estatuto do Índio, de 1973, o arrendamento era ilegal. Então, finge que não entende como a Funai fazia ato ilegal antes e agora não quer mais.

Como domingos, ele diz que arrendamentos não podem ser acabados agora com 140 contratos em vigor, com a planta na terra e o dinheiro brotando, fácil, no seu bolso.

Se arrendamento acabar vai haver guerra nesta terra.

GERAL Acervo ISA

Fotos Fernando Gomes/ZH



Crianças nas reservas: vida difícil e cheia de problemas

Uma nação que já perdeu (ou foi roubada) em mais de 40 mil hectares

Só neste século, os 6 mil indígenas gaúchos caingangues e guaranis que ainda sobrevivem no Estado foram roubados, como dizem em um documento enviado no dia 24 de maio de 1980, ao governador Amaral de Souza, em 40 mil hectares de terra.

No documento, eles não contabilizam ainda cerca de mil hectares ocupados em Nonoai pela firma Tissiani e Dall'Asta. Na verdade, como informa o índio Belarmino Salas, chefe do posto da Funai na área, esses mil hectares têm sua posse discutida na Justiça. Mas os brancos, diz ele, estão tão condenados que jamais construíram uma benfeitoria sobre as terras que eles sabem ser do índio.

Em 1856, na primeira demarcação das áreas indígenas do Rio Grande do Sul, a reserva de Nonoai estendia-se por dez léguas entre os rios Uruguai, Passo Fundo; Baitaca, Lobo e Rio de Várzea. em 1911, em uma segunda demarcação, foi reduzida para 34.908 hectares. Em 1941, o governo transformou 19.998 hectares em Reserva Florestal e, em 1962, outros 2.499 hectares foram destinados a assentar colonos sem terra. No ano seguinte, outros 1.200 hectares tiveram a mesma função. Sobraram 13.710 hectares, contando os mil hectares ocupados pela Tissiani e Dal'Asta.

Os índios de Pei-Kãr (Rio da Várzea), no entanto, continuam habitando uma área dentro da reserva florestal, negando-se a ocupar os limites oficiais do Posto.

O Toldo Serrinha, demarcado em 11.950 hectares, em 1911, simplesmente foi reduzido a nada. Em 1941, metade da área foi decretada reserva florestal. E, entre 1941, 1962 e 1968, perdeu a outra metade paraprojetos de colonização engendrados pelo governo.

Inhacorá tinha 5.859 hectares; hoje tem 1.060 hectares.

Votouro possui 3.014 hectares; atualmente tem 2.092 hectares.

Toldo Guarani já era pequena seus 741 hectares, mas hoje não chega à metade: está constituída por 280 hectares.

Cacique Doble antigamente tinha 5.450 hectares e atualmente ainda a restam 4.508 hectares.

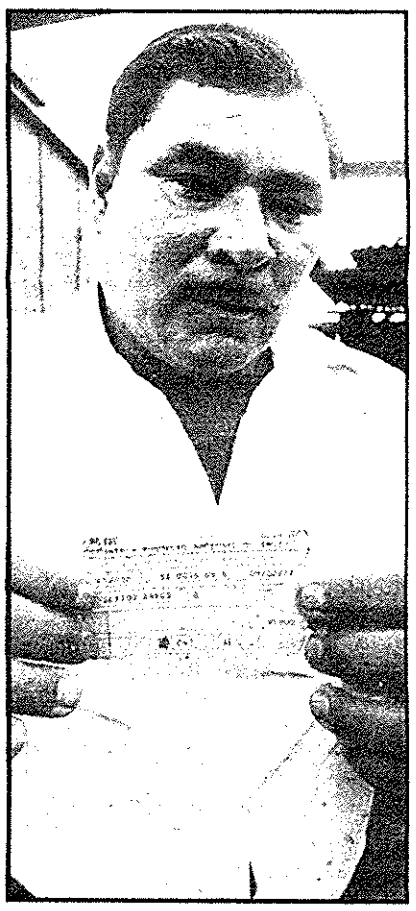
Toldo Ventarra, que, em 1911, tinha 755 hectares, sumiu do mapa. Os índios que ali moravam saíram para Votouro e Ligeiro.

Caseros foi uma área que pousoc antigos índios recordam: tinha 1.003 hectares. Mas também sumiu do mapa, misteriosamente. Dizem que os índios abandonaram a reserva entre 1927 e 1930.

Ninguém sabe exatamente como isto se deu, pois o engenheiro chefe da Comissão de Terras de Passo Fundo, Serafim Terra, escreveu anos antes em seu diário ao encontrar o grupo:

"Acha-se reduzido a 22 famílias. A impressão que recebi foi boa. Aí os índios vivem mais à vontade emais fartamente do que no toldo Fachinal (Cacique Doble). Cuidam regularmente de suas plantações, criam porcos e têm animais de montaria, com os quais divertem-se aos domingos em corridas. Não sofrem tão atrozmente a perseguição dos civilizados..."

Amanhã: Fim de uma raça



Cacique Ivo mostra título da Funai de arrendamento

Tentam esconder a dura realidade de um povo

Em agosto de 1972, o chefe do posto da Funai em Nonoai, o mineiro Gilberto Antônio Borges, escalou quatro jagunços armados para seguir uma equipe de reportagem de **Zero Hora** *que tentava entrevistar os indígenas na área. Hoje, alçado à condição de delegado regional da Funai no Estado (substituindo Severino De Toni, derrubado do cargo em meados do ano passado, com a morte de cinco índios no conflito de Miraguaí) Borges continua mostrando-se avesso à divulgação das informações.*

Em Inhacorá, no município de Santo Augusto, o chefe do posto da Funai, José Gomes, um cearense mirrado e decidido, proibiu a equipe de **Zero Hora** *de entrevistar e fotografar os índios. Explicou que seguia ordens de Borges estendidas para todas as áreas indígenas com relação à imprensa. "Vocês só falam com os índios se o doutor Borges mandar autorização por escrito em qualquer reserva da Funai", vociferou ele.*

Inútil ameaça, como se veria depois em outras reservas, onde os chefes dos postos simplesmente ausentavam-se para visitar familiares em outras cidades ou para acompanhar jogos de futebol disputados entre índios de reservas opostas. Um chefe de posto, cujo nome aqui é compreensivelmente omitido, propôs uma negociação: "Se der algum **rolo**, *por vocês entrarem aqui, digam que eu não estava no momento", preveniu ele, sabendo de antemão a identidade do repórter e do fotógrafo que integravam a equipe, certamente alertado por José Gomes que havia solicitado identificação.*

Um outro chefe de posto, o índio Belarmino Sales, de Nonoai, anotou até mesmo as placas do carro utilizado pela equipe. Mas de qualquer forma não é difícil entrevistar ou fotografar os indígenas gaúchos: é só dedicar-se a breves plantões nas cidades próximas às reservas de onde eles saem cambaleando e maltrapilhos para comprar cachaça ou esmolar trocados junto aos brancos.

Muito mais difícil do que driblar a competência da Funai, por exemplo, é chegar à reserva de Pei-Kar, onde as últimas cheias arrastaram a balsa que fazia a ligação por Rodeio Bonito. Como a professora que a Anaí destacou para dar aulas, à tarde, na pequena aldeia situada nesta reserva não-oficial, os repórteres só atingiram a área ultrapassando o Rio da Várzea tripulando um pequeno **caíco** *indígena.*

Ali descobriu-se, moribundo, um verdadeiro patrimônio cultural indígena: o secular cacique Kanheró, de alardeados 130 anos. Cego, enrodilhado em trapos e doente, Kanheró definha, rebelde e bravo, no canto que escolheu para alojar sua tribo caingangue que nunca concordou em sair dali para uma reserva oficial.

Kanheró sempre brigou com a Funai. Brigou para que aquela área onde vivem 22 famílias seja devolvida ao índio, transformando-a em reserva oficial. A Funai sempre retrucou que o velho tinha que conduzir a tribo para as áreas já demarcadas. Kanheró vai morrer ali, mesmo que a Funai julgue ter ganho esta briga desigual.

As terras lavradas da reserva da Guarita rendem bastante, mas só para os caciques

SEMANA DO FREGUÊS
manlec
Nada de entrada, 1º pagamento só em agosto, sem juros adicionais.